

*Learning to live together in peace
and harmony. um olhar comprometido
com a formação humana*

5

*Learning to live together in peace and harmony:
a look committed to human formation*

José Policarpo Júnior*
Claudemir Inacio dos Santos**

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre o documento *Learning to live together in peace and harmony*, publicação conjunta da Unesco-Apnieve (1998), como ponto de partida para o processo formativo-educacional do ser humano. O documento retrata a dificuldade de viver juntos e em harmonia e expressa os desafios políticos, econômicos, sociais, étnicos e culturais que os habitantes da região Ásia-Pacífico enfrentam para aprender a viver de maneira autônoma, pacífica e harmoniosa. O documento defende que o caminho para esse processo é mudar o modelo vigente, voltado para criar uma força de trabalho qualificada, para uma concepção de educação voltada à formação humana, para o desenvolvimento da pessoa por inteiro. A educação é aqui concebida a partir da totalidade das dimensões humanas e deve facultar ao educando a compreensão de sua realidade interior e da realidade dos seus arredores, aguçando a sua capacidade para se autodeterminar, ser autônomo e expressar as suas potencialidades. A educação integral deve ofertar ao aprendiz caminhos por meio dos quais ele possa pouco a pouco entrar em contato com as inúmeras facetas das suas dimensões, de modo que o processo formativo direcione o indivíduo a uma forma de viver equilibrada com ele mesmo, com os outros seres vivos e com a natureza. A educação como processo de formação humana deve permitir o desenvolvimento de um modo de ser e de viver direcionado à humanização do homem. A proposta advoga a ideia de que os indivíduos e a sociedade devem dar prioridade aos desenvolvimentos pessoal e social a partir de

* Doutor em Educação. Pós-Doutor pela *Pennsylvania State University*. Professor Associado no Departamento de Fundamentos Socio-filosóficos da Educação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: jpj@formacaohumana.org

** Mestre em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Assistente II na UFPE. E-mail: claudemir.santos.rec@gmail.com

quatro valores fundamentais: paz, direitos humanos, democracia, e desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: Formação humana. Educação. Educação integral. Autonomia. Unesco-Apnieve.

Abstract: Live independently, in peace and harmony is still a nuisance to humans. The document Learning to live together in peace and harmony, joint publication of Unesco-Apnieve (1998), portrays and expresses this difficulty, economic, social, ethnic, cultural and political challenges that the people of the Asia-Pacific region face to learn to live unattended, peaceful and harmonious way. The paper argues that the path to this process is to change the current model, designed to create a skilled workforce for a concept of education for human development, for the development of the whole person. Education is here conceived from the totality of human dimensions and must allow the student to understand its inner reality and the reality of their surroundings, sharpening their ability to self-determination, be independent and express their potential. Integral education should offer the learner pathways through which he can gradually get in touch with the many facets of its dimensions, so that the training process to target the individual for a balanced way of living with himself, with others living beings and with nature. Education as a process of human development should allow the development of a way of being and living directed to the humanization of man. The proposal advocates the idea that individuals and society must give priority to personal and social development based on four core values: peace, human rights, democracy and sustainable development. The objective of this paper is to discuss the document Learning to live together in peace and harmony as the starting point for the training and educational process of being human.

Keywords: Human development. Education. Comprehensive education. Self-government. Unesco-Apnieve.

Introdução

Formação humana alude à ideia de que a humanização é um processo. O homem nasce incompleto e vai se humanizando ao longo da vida, tornando-se íntimo de si mesmo e começando a ter noção da interdependência existente entre as suas estruturas (corpo físico, pensamento, sensações, sentimentos, imaginação, atitudes, comportamentos, etc.), a natureza e o cosmos. Esse processo vai sendo,

progressivamente, compreendido à medida que o sujeito estrutura as suas potencialidades, entra em contato com as suas múltiplas dimensões e encontra uma maneira de viver compatível com a harmonia universal.

O desenvolvimento das dimensões humanas de forma proporcional pode direcionar o indivíduo para uma forma de viver equilibrada. (MASLOW, 1970; ROGERS, 2001; RODRIGUES, 2001; POLICARPO JÚNIOR, 2011, 2012; RÖHR, 2004; 2010; 2013). Para tal, a educação desempenha um papel relevante, uma vez que possibilita ao educando construir uma relação equilibrada com ele mesmo, com os outros seres vivos e com a natureza. Nesse prisma, a educação é, por assim dizer, a pedra angular no processo de humanização do homem. Todavia, não é qualquer ação pedagógica que promove a estruturação de uma relação equilibrada. Para promovê-la, a ação pedagógica deve partir do pressuposto de que o ser humano é um todo integrado e organizado. (MASLOW, 1970). As necessidades formativas do sujeito exigem princípios de conduta que sejam reconhecidos universalmente, entre os quais: amor, verdade, ética, justiça, confiança, responsabilidade, solidariedade, compaixão, liberdade, autonomia. (RODRIGUES, 2001).

Uma concepção de educação centrada apenas na escolarização e na aquisição de qualificação profissional é insuficiente para que o indivíduo tenha uma estrutura fundada nesses princípios. Conhecimento e habilidades profissionais constituem aspectos significativos da educação, mas é necessário que esses aspectos sejam revestidos de princípios de conduta, de modo que o educando compreenda a sua realidade interior e a realidade dos seus arredores, aguçando a sua capacidade de expressar integralmente suas possibilidades, bem como clarificar seus limites e responsabilidades. (ROGERS, 2001). O estabelecimento de limites e responsabilidades de uma pessoa leva à autonomia, que é um dos princípios de conduta universais.

O sujeito autônomo é capaz de se autorregular, pois reconhece a existência de uma liberdade relativa e, ao mesmo tempo, reconhece a existência de limitações em suas relações com o mundo físico e social. Nesse prisma, a autonomia pode ser entendida como a construção de um diálogo entre as potencialidades inatas de uma pessoa e a sua capacidade de se autorregular.

Todavia, viver de forma autônoma ainda é um estorvo enfrentado pelos seres humanos. O documento *Learning to live together in peace and harmony* (Unesco-Apnieve, 1998) retrata essa dificuldade e expressa os

desafios políticos, econômicos, sociais, étnicos e culturais que os habitantes da região Ásia-Pacífico enfrentam para aprender a viver de maneira autônoma, pacífica e harmoniosa. O caminho para enfrentar esses desafios, no entendimento da Unesco-Apnieve, é alterar a concepção de educação vigente, que deve passar de um modelo voltado para criar uma força de trabalho qualificada para uma concepção voltada ao desenvolvimento da pessoa por inteiro, capaz de ajudar as pessoas a viverem em paz e harmonia.

Para tornar isso possível, a proposta do documento da Unesco-Apnieve (1998) advoga a ideia de que os indivíduos e a sociedade, como um todo, devem dar prioridade aos desenvolvimentos pessoal e social a partir de quatro valores fundamentais: paz, direitos humanos, democracia e desenvolvimento sustentável. Os signatários do documento entendem que esses valores perpassam os diversos contextos de cada Estado-membro e por isso podem desenvolver, a partir da escola, uma concepção de educação que atenda aos interesses de cada indivíduo e da sociedade como um todo. É nesse prisma que a formação humana, voltada ao “espírito”, à “cultura”, à “humanidade” pode contribuir para algo que está além das atividades convencionais de ensino e aprendizagem e que aponta ao desenvolvimento da integralidade das múltiplas dimensões humanas.

Em função disso, este artigo se propõe a refletir sobre a conveniência de escolher o trabalho *Learning to live together in peace and harmony* como *ponto de partida* para o processo formativo do ser humano. O documento também pode ser tomado como uma ideia regulativa, capaz de oferecer uma noção segura para avaliar se a sociedade humana está mais ou menos próxima dessa realização do processo de humanização do homem, que, se julga, seja essencial à vida humana. Certamente, não há a pretensão de oferecer soluções miraculosas para o fenômeno humano, mas refletir sobre alternativas disponíveis e que podem ser mais bem-exploradas pela ação pedagógica direcionada à humanização do homem. Para isso, o presente trabalho está estruturado em três seções, além desta introdução. A primeira versa sobre formação humana; a segunda, trata do documento *Learning to live together in peace and harmony* (UNESCO-APNIEVE, 1998) e, por último, são tecidas as considerações finais.

Formação humana

Se o ser humano tivesse somente as estruturas corporais como base da sua formação, seria uma questão relativamente simples de ser atendida. Todavia, o ser humano nasce incompleto, lacunar, e as estruturas corporais são apenas uma das suas dimensões. Dada a sua incompletude, o homem necessita ser educado para se tornar capaz de viver de maneira autônoma, em paz e em harmonia com ele mesmo, com os seus semelhantes e com a natureza.

O conceito de autonomia, de modo geral, parece ainda pouco compreendido, gerando conflitos nas relações interpessoais, pois as pessoas demonstram ter dificuldades em lidar com esse conceito na vida cotidiano. Uma das dificuldades é considerar a autonomia como sinônimo de liberdade. A palavra *liberdade* (em latim *libertas*, condição de pessoa livre) diz respeito a um estado em que a pessoa age, pensa e deseja sem impedimento, realizando o que quer de modo amplo e ilimitado, pois não há restrições às suas ações. *Autonomia*, por seu turno, é um termo derivado dos vocábulos gregos *auto* (próprio) e *nomos* (regra), significando a capacidade que alguém possui para definir suas próprias regras e limites, sem necessidade de que esses sejam impostos por outrem. O sujeito autônomo é capaz de se autorregular, pois reconhece a existência de uma liberdade relativa e, ao mesmo tempo, a existência de limitações em suas relações com o mundo físico e social.

A autonomia não é algo dado ou que nasce com o indivíduo. A autonomia é aprendida. Aprender, contudo, não pode ser entendido apenas e tão somente como uma meta a ser *atingida* ou uma quantidade de conhecimentos técnicos e habilidades profissionais a ser *conquistada*. Aprender a viver significa que o indivíduo quer se perceber e se compreender em sua própria condição de ser humano, com suas contradições, fragilidades, falibilidade e incompletude (ROGERS, 2001), e isso certamente é tão relevante à vida individual quanto à vida social. A esse respeito, Maslow (1970) faz uma observação importante ao longo do desenvolvimento de sua Teoria da Motivação. Para ele, a autorrealização [*fulfillment*] pode ser relevante na compreensão de potenciais e limites humanos e pode influenciar na busca empreendida por uma pessoa para se tornar o que ela é potencialmente (p. 22): “O que um ser humano *pode* ser, ele *deve* ser [...] o desejo para se tornar o que alguém idiossincraticamente é, e de se tornar tudo que alguém é capaz de ser.”

Entende-se que para alguém *se tornar tudo o que é capaz de ser*, é necessário que encontre um modo de viver autônomo e compatível com a harmonia universal. A formação humana parece ser o caminho mais adequado para a consecução desse objetivo, de maneira que o sujeito desenvolva a noção de interdependência de suas estruturas (corpo físico, sensações, sentimentos, pensamentos, imaginação, atitudes, comportamentos, etc.) em relação aos demais seres e à natureza. Essa noção vai sendo melhor compreendida à medida que o processo de formação humana, a humanização do homem, vai enraizando-se, e o sujeito encontra um modo de viver harmonioso Policarpo Junior (2010, p. 243) defende: “O ser humano não pode se desenvolver se não nutrir um nível mínimo de coerência pessoal entre o que pensa, sente, fala e age.”

Ora, a coerência pressupõe a existência de uma relação harmoniosa entre um elemento com o fim a que se destina, significando, portanto, que “é muito mais do que a simples compatibilidade entre os elementos... implica, com efeito, não só a ausência de contradição, mas a presença de conexões positivas que estabeleçam harmonia entre os elementos”. (ABBAGNANO, 2007, p. 147). Para encontrar um modo de viver harmonioso e viver integralmente as relações afetivas consigo mesmo e com as outras pessoas, o homem necessita construir-se como um ser livre e integral, capaz de expressar sentimentos e comportamentos equilibrados e realistas, capaz de valorizar-se e de valorizar as pessoas que estão ao seu redor. Nessa perspectiva, a proposta de formação humana visa harmonizar as potencialidades humanas, de maneira que o sujeito encontre um modo de viver autônomo e em paz e harmonia com ele mesmo, com os outros seres vivos e com o cosmos.

A palavra *formação* (do latim *formatio* “formação, forma, configuração”) diz respeito à maneira pela qual uma pessoa é criada ou educada. A expressão *formação humana*, por seu turno, refere-se à ideia de que a humanização é um processo que deve permitir ao homem ter clareza da sua interdependência com o mundo que o cerca. Sendo um processo (do latim *processus*, “ação de adiantar-se, andamento, movimento para diante”), a humanização deve possibilitar que o indivíduo seja cuidadoso com suas ações e esteja atento às repercussões de seus atos, quer esses sejam manifestadas na esfera pessoal, quer as manifestações tenham lugar nas relações sociais. A educação, como processo de formação humana, atua sobre os meios que reproduzem a vida e coopera para que

o homem olhe, perceba e compreenda as coisas, bem como para que se reconheça no *outro*, constituindo, assim, sua própria identidade e que seja capaz de distinguir similitudes e diferenças entre ele e as outras pessoas e entre ele e o mundo físico. (RODRIGUES, 2001, p. 243).

Para que o homem tenha acesso a todas essas possibilidades, é necessário que seja educado. No entendimento de Severino (2006, p. 621), a educação deve alcançar um modo de ser, mediante um *dever*, que se caracterizaria por uma qualidade existencial marcada pela plena humanidade do sujeito: “A educação não é apenas um processo institucional e instrucional, seu lado visível, mas fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva”. Ao referir-se à educação como “fundamentalmente um investimento formativo do humano”, Severino (2006) resgata o termo *educação* (do latim *educere*) em seu significado original de estruturar, nutrir, formar positivamente, pois o homem é um ente que se encontra em processo contínuo de *vir-a-ser*. Nesse caso, a educação deve retirar do homem tudo o que o restringe às fronteiras da natureza, transformando-o em um ser completamente diverso do que ele era ao nascer e lhe dando uma nova conformação por meio da vida social (RODRIGUES, 2001, p. 243): “Educar requer o preparo eficiente dos educandos para que se capacitem, intelectual e materialmente, para acionar, julgar e usufruir esse complexo de experiências com o mundo da vida.”

O mundo da vida requer do ser humano uma série de competências e de capacidades, quer em seus limites pessoais, quer em seus limites coletivos, e a educação deve ser capaz de prover as capacidades necessárias às experiências humanas. A educação concebida a partir da totalidade deve facultar ao educando a compreensão de sua realidade interior e da realidade dos seus arredores, além de aguçar a sua capacidade de expressar suas possibilidades. Para tal, a educação integral deve oferecer ao educando caminhos por meio dos quais ele possa pouco a pouco entrar em contato com as inúmeras facetas das suas dimensões. A formação humana, como um processo, como uma ação continuada, requer a adoção de princípios de conduta que sejam universais, tais como: amor, verdade, ética, justiça, autonomia, responsabilidade, etc., exigindo que a educação possibilite ao sujeito *ver-se* e *ser visto* como um processo integrado de transformação. Rogers (2001, p. 138) refere: “Uma pessoa é um processo fluído, não uma entidade fixa e estática; um rio corrente de mudanças,

não um bloco de material sólido; uma constelação de potencialidades continuamente mutáveis, não uma quantidade fixa de traços”.

De fato, a visão do homem como uma quantidade fixa de traços é uma forma reducionista de analisar a sua complexidade. Acredita-se que a maneira mais adequada de observar o fenômeno humano é a partir de uma visão multidimensional, que, de forma geral, opõe-se a qualquer forma de privilegiar uma ou alguma dimensão do ser humano. (RÖHR, 2004, 2010, 2011; POLICARPO JÚNIOR, 2010, 2012). Essa concepção reconhece a importância das diferentes dimensões da vida interior e da vida exterior, e a educação para essa totalidade possibilita ao sujeito uma familiaridade com todas as suas dimensões. Ademais, essa concepção também contribui para o desenvolvimento das capacidades de autodeterminação e de autodesenvolvimento para viver com autonomia, em paz e em harmonia.

Contudo, viver de forma autônoma, em paz e harmonia, ainda é um estorvo enfrentado pelos seres humanos, daí a relevância de se propor uma mudança de concepção vigente para uma concepção de educação que reconheça quão imbrincadas realmente são as dimensões humanas. Manter o *status quo* significa perder a oportunidade de direcionar a coletividade para uma convivência pacífica e harmoniosa, em que os atores sociais tenham clareza acerca dos limites e das responsabilidades nos planos pessoal, interpessoal, social e ambiental. A formação humana possibilita ao indivíduo articular esses elementos para viver em paz e harmonia, respeitando-se e respeitando as diferenças individuais, sociais, étnicas e culturais, como demonstra o documento *Learning to live together in peace and harmony* (UNESCO-APNIEVE, 1998), que será discutido na próxima seção.

Learning to live together in peace and harmony

Esse documento foi publicado em 1998 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) juntamente com a *Asia-Pacific Network for International Education and Values Education* (Apnieve). A Apnieve é um desdobramento da 44ª Sessão da Conferência Internacional sobre Educação (ICE), evento que foi realizado durante a Conferência de Genebra, em outubro de 1994. Esse documento retrata os desafios políticos, econômicos, sociais, étnicos e culturais que os habitantes da região Ásia-Pacífico enfrentam para aprender a viver de forma autônoma, pacífica e harmoniosamente.

Essa dificuldade pode ser problematizada a partir de duas questões: a) Como viabilizar a convivência pacífica e harmoniosa sem que os atores sociais tenham clareza dos limites e das responsabilidades nos planos pessoal, interpessoal, social e ambiental?; e b) Como humanizar os relacionamentos entre povos e em todos os níveis sem que a educação (família, escola e sociedade) possibilite ao educando estruturar sua autonomia? As respostas a essas duas questões não são simples nem serão obtidas sem uma profunda reflexão da sociedade humana sobre os caminhos a serem percorridos em busca de uma convivência fraterna.

Há que se considerar, também, que essas questões são antigas e que, ao longo do tempo, ensejaram inúmeras discussões, inclusive ideológicas, sobre o caminho e o formato *ideais* para se atingir esse intento. Diferentes visões de mundo e diversas teorias têm se debruçado sobre essa temática, e avanços foram obtidos ao longo da história, mas esses avanços parecem ainda insuficientes para abarcar todos os desafios. A própria publicação do documento *Learning to live together in peace and harmony* (Unesco-Apnieve, 1998) demonstra que a sociedade deve escolher e “pavimentar” caminhos para tornar acessível a todas as pessoas um processo formativo humanizante.

Outro desafio considerável é tornar essas escolhas operacionalmente possíveis. O que este artigo se propõe é refletir sobre a conveniência de escolher o trabalho *Learning to live together in peace and harmony* como o *ponto de partida* para o processo formativo do ser humano. Em primeiro lugar, por ser ele uma proposta estruturadora de uma educação para a integralidade; em segundo lugar, por tomar como bases a paz, os direitos humanos, a democracia e o desenvolvimento sustentável, fundamentos que vão ao encontro dos anseios da coletividade, e em terceiro lugar, pela transversalidade desses fundamentos, que são prioritariamente humanos e indispensáveis ao futuro da espécie e do Planeta, mesmo em face do contexto de cada região. “Esse processo começa com o desenvolvimento da paz interior nas mentes e corações dos indivíduos comprometidos com a busca da verdade, conhecimento e compreensão de cada uma das outras culturas e pela apreciação de valores partilhados em busca de se alcançar um futuro melhor”. (UNESCO-APNIEVE, 1998, p. 4).

Os formuladores do documento da Unesco-Apnieve (1998) acreditam que a educação tem um papel fundamental nos desenvolvimentos pessoal e social, mas tem sido muito mais usada para criar uma força de trabalho qualificada do que para desenvolver a pessoa

por inteiro. Para a Unesco-Apnieve, 1998, p. ii), “as metas de longo prazo envolvendo valores humanos e princípios morais tendem a se tornar menos importantes quando têm que competir com considerações econômicas mais imediatas”. Essa afirmativa repercute nos fenômenos de rápido crescimento econômico e tecnológico, bem como no de modernização e urbanização dos países asiáticos, cujos efeitos têm gerado tensões e preocupações na região do Pacífico. Além disso, o documento observa que muitos países ainda estão vivendo processos de democratização, para os quais a Unesco e outros organismos internacionais têm envidado esforços consideráveis para divulgar e promover princípios e valores universais, como direitos humanos, cultura de paz e tolerância e democracia. Essas mudanças e os desafios daí advindos exigem um melhor entendimento entre os homens e uma melhor compreensão do mundo. Vale observar que esses fenômenos também são registrados em diferentes regiões do Planeta, o que justifica, assim, a sugestão de adotar a proposta da Unesco-Apnieve (1998) para além das fronteiras políticas e geográficas da região Ásia-Pacífico, devendo ser uma ação incorporada às práticas na família, no lar, na escola, no trabalho, na vida política ou profissional, enfim, na vida comunitária.

Para a Unesco-Apnieve (1998, p. 4), a educação para a paz, direitos humanos e para os valores internacionais e de educação devem receber mais atenção dos indivíduos e maior prioridade da sociedade como um todo: “Aprender a viver juntos em paz e harmonia requer que a qualidade dos relacionamentos em todos os níveis esteja comprometida com a paz, os direitos humanos, a democracia e a justiça social em um ambiente ecologicamente sustentável”. Nesse sentido, o *sourcebook* tem três focos de interesse: a) o significado de aprender a viver juntos; b) os valores fundamentais necessários à convivência bem-sucedida e pacífica; e c) o desenvolvimento de experiências de aprendizagem para ajudar professores e estudantes a compreenderem tais valores. O primeiro desses focos, *aprender a viver juntos em paz e harmonia* é entendido como

um processo dinâmico, holístico e realizado ao longo da vida por meio do respeito mútuo, compreensão, carinho e partilha, compaixão, responsabilidade social, solidariedade, tolerância e aceitação da diversidade entre indivíduos e grupos (étnica, social, cultural, religiosa, nacional e regional) e devem ser internalizados e praticados em conjunto na solução de problemas e em prol de uma sociedade justa e livre, pacífica e democrática. (p. 4).

Aprender a viver juntos é um dos principais problemas da educação atual, uma vez que o mundo contemporâneo é muitas vezes um mundo de violência. Embora tenha havido conflito ao longo da história, novos fatores estão acentuando o risco, particularmente a extraordinária capacidade de autodestruição da humanidade criou no decurso do século XX. Acreditamos que é necessário conceber uma forma de educação que tornará possível resolver conflitos de forma pacífica, aprender a conviver com as outras pessoas pelo desenvolvimento de um espírito de respeito pelos valores do pluralismo e da necessidade de compreensão mútua e da paz. (p. 19).

Esses três focos são detalhados nos quadros a seguir. O quadro 1 apresenta os quatro fundamentos da proposta Unesco-Apnieve (1998): paz, direitos humanos, democracia e desenvolvimento sustentável, e cada um contém os valores fundamentais a uma convivência pacífica e harmoniosa. Percebe-se que os valores fundamentais e os valores que os apoiam são coerentes com a formação humana, com a concepção de educação fundada na totalidade do ser humano e que vai além da escolarização, da aquisição de conhecimentos técnicos e de habilidades profissionais.

Quadro 1 – Valores fundamentais para a paz, os direitos humanos, a democracia e o desenvolvimento sustentável e valores que os apoiam

Valores fundamentais	Descrição	Valores de apoio
Paz	A cultura de paz é necessária para uma vida significativa. Em um mundo onde há grande diversidade de formas pessoais, sociais e culturais de ser e de viver, a posse de valores humanos significativos pode superar essas diferenças e garantir a paz e a solidariedade. (p. 24).	Paz Compaixão Harmonia Tolerância Espiritualidade Gratidão
Direitos humanos	Educação para os direitos humanos deve desenvolver a capacidade de valorizar a liberdade de pensamento, de consciência e de crença; a capacidade de valorizar a igualdade, justiça e o amor; e uma vontade de cuidar e proteger os direitos das crianças, das mulheres, dos trabalhadores, das minorias étnicas, dos grupos desfavorecidos, etc. (p. 40).	Confiança Igualdade e justiça Integridade Honestidade Liberdade e responsabilidade Cooperação
Democracia	O objetivo da educação é infundir o sentido de dignidade e igualdade; a confiança, tolerância, valorização das outras crenças e culturas; o respeito à individualidade; a promoção da participação em todos os aspectos da vida social; a liberdade de expressão, crença e adoração. Quando essas coisas estão presentes, é possível ter equidade, justiça e paz. (p. 60).	Respeito à lei e à ordem Igualdade Autodisciplina Cidadania responsável Franqueza Pensamento crítico Solidariedade
Desenvolvimento sustentável	O conceito de desenvolvimento sustentável envolve considerações políticas, ambientais, econômicas, sociais e culturais, abordadas holística e integradamente. É necessário chegar a um (no entanto definido) nível de distribuição de forma justa, de bem-estar econômico para que as gerações futuras possam satisfazer as suas necessidades, assim como nós estamos atendendo às necessidades do presente. (p. 84).	Criatividade Sobriedade Simplicidade Ecologia pessoal Eficiência Diligência Orientação para o futuro Preocupação ambiental Administração de recursos

Fonte: Unesco-Apnieve (1998, p. 6).

A educação concebida a partir da totalidade deve facultar ao educando a compreensão de sua realidade interior e da realidade dos seus arredores e aguçar a sua capacidade de expressar suas possibilidades. De fato, para que o indivíduo compreenda e procure respostas que permitam dialogar com suas inquietações, é necessário entender que a visão de vida apenas sob o prisma da realidade exterior é insuficiente para estabelecer esse diálogo. A necessidade de uma concepção de educação que ofereça ao aluno mais do que qualificação profissional tem relação direta com o fato de que o aluno de hoje será o educador de amanhã, independentemente da profissão que venha a escolher. Em outras palavras, o educando de hoje será o educador de amanhã, pois amanhã ele será pai ou mãe, professor ou professora, e a sociedade necessita de que o processo de formação humana prossiga por gerações, sem solução de continuidade, de acordo com o conceito do que é aprender a viver juntos em paz e harmonia, defendido em publicação conjunta entre Unesco-Apnieve (1998, p. 4): “Um processo dinâmico, holístico e realizado ao longo da vida por meio do respeito mútuo, compreensão, carinho e partilha, compaixão, responsabilidade social, solidariedade, tolerância e aceitação da diversidade entre indivíduos e grupos.”

Uma concepção de educação centrada apenas na escolarização e na aquisição de conhecimentos e habilidades é insuficiente para que o indivíduo tenha uma estrutura fundada nesses princípios (RODRIGUES, 2001). Conhecimento e habilidades profissionais constituem aspectos significativos da educação, mas é necessário que esses aspectos sejam revestidos de princípios de conduta, de modo que o educando compreenda a sua realidade interior e a realidade dos seus arredores, aguçando a sua capacidade de expressar integralmente suas possibilidades, bem como clarificar seus limites e responsabilidades. (ROGERS, 2001). Citando um ensinamento de Confúcio (551-479 a.C.) sobre sua proposta de reforma social para a China, Smith (2009, p. 169) diz: “Um povo deve primeiro decidir quais valores são importantes para o seu bem-estar coletivo. E depois cada ferramenta da educação – formal e informal, do útero ao túmulo – deve ser transformada de modo que esses valores sejam universalmente internalizados.” É possível que essa concepção crie um círculo virtuoso que tem, na educação para a totalidade um compromisso de longo prazo do conjunto da sociedade para com as próximas gerações.

O quadro 2, por sua vez, apresenta o foco de interesse relativo ao desenvolvimento de experiências de aprendizagem para ajudar professores e estudantes a compreenderem os valores fundamentais e os valores que os apoiam. Esse quadro dá ênfase a um dos pressupostos do trabalho *Learning to live together in peace and harmony* que são as experiências pessoais e sociais, que permitem aos professores e alunos, e por extensão à comunidade, se apropriarem desses valores. A esse respeito, Röhr (2004, p. 7) faz um comentário importante sobre o papel da educação na construção de uma relação equilibrada do educando com ele mesmo, com as outras pessoas, com a natureza e com o cosmos: “Educação só acontece quando o educando se apropria do conteúdo [...] quando ele faz de um conteúdo social ou cultural algo próprio. Educação exige um ato de identificação, e um ato de comprometimento por livre decisão, por convencimento íntimo”.

Quadro 2 – Diretrizes para planos de aula

Diretrizes	Detalhamento
Estrutura curricular integrada	<ul style="list-style-type: none"> • Integração dos valores de paz, direitos humanos, democracia e desenvolvimento sustentável em todo o currículo; • Ligação entre redes formais e informais de aprendizagem, incluindo escola e comunidade; Atendimento às necessidades locais, nacionais, regionais e globais; <ul style="list-style-type: none"> • Atendimento às necessidades especiais dos alunos por idade, condição socioeconômica, capacidade e sexo; • Identificação de recursos apropriados para atender às necessidades dos estudantes;
Estratégia de ensino	<ul style="list-style-type: none"> • Inclusão de <i>feedback</i> formativo para a melhoria e o desenvolvimento do aluno. • Paz, direitos humanos, democracia e desenvolvimento sustentável são componentes integrais de Valores, Educação Moral, Ética e de cursos para a formação de professores; • As principais estratégias utilizadas no ensino desses cursos podem incluir inculcação e esclarecimento de valores, dilemas morais, análise de valores, de aprendizagem, estratégias de ação evocativa e modelo de ação social; • Estratégias transpessoais podem ser utilizadas (meditação, visionamento, análise introspectiva, psicossíntese, etc.); • Ao utilizar essas estratégias, considerar a abordagem global para a formação de valores confluentes (o aluno como uma pessoa total).

Variedade de abordagens, técnicas e recursos utilizados	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e explicação de valores; • Ação social; • Desenvolvimento de valores afetivos, cognitivos, sociais e espirituais.
Acesso a documentos internacionais	<ul style="list-style-type: none"> • Obter os principais documentos internacionais, como o Quadro Integrado de Ação sobre Educação para a Paz, Direitos Humanos e Democracia (Genebra, 1994) e a Declaração de Princípios da Tolerância e do Plano de Ação (Paris, 1995).
Envolvimento dos estudantes	<ul style="list-style-type: none"> • Grupo de discussão e dinâmicas de grupo; • Simulação e <i>role-play</i>, tais como miniconferências da Unesco; • Investigação aprofundada e trabalhos individuais; • Visitas de campo e de estudos; • Trabalho voluntário para os menos afortunados; • Comunicação via internet com projetos ASP, no País e no Exterior; • Participação e observação de conferências nacionais e internacionais; • Prática de ensino; • Uso extensivo de meios de comunicação.
Situações realistas	<ul style="list-style-type: none"> • Os quatro valores fundamentais devem ser ensinados e praticados em situações realistas, para que os alunos adotem e promovam esses valores em seus ambientes comunitários.
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade para diagnosticar problemas; • Capacidade de tomar parte em discussões e ouvir os outros; • Capacidade de fazer análises claras; • Capacidade de encontrar soluções para problemas em cooperação; • Participação voluntária, cooperação e manutenção; • Abordagem construtiva ao invés de altitudes autoritárias; • Vontade de compartilhar e cuidar.

Fonte: Elaborado por Claudemir Santos a partir de Unesco-Apnieve (1998, p. 21-23).

A parte final do trabalho (UNESCO-APNIEVE, 1998) fornece uma amostra de planos de aula e orientações sobre materiais a serem utilizados por professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem. Todos os planos e materiais são apresentados a partir de cada foco temático: paz, direitos humanos, democracia e desenvolvimento sustentável. O espaço de um artigo permite apenas observações gerais sobre o trabalho, mas a mais importante é o cuidado do documento *Learning to live together in peace and harmony*, ao tratar da compreensão que os professores devem ter em relação aos valores fundamentais (paz, direitos humanos, democracia e desenvolvimento sustentável) e os valores que os apoiam (ver quadro 1). Segundo o texto, é imprescindível que os educadores sejam (e estejam) sensibilizados para esses valores, mesmo sabendo que a maioria não foi educada de acordo com essa concepção. Afinal, os educadores também estão envolvidos em seu próprio processo de

humanização. A esse respeito, Röhr (2013, p. 169-170) comenta: “A credibilidade da atuação pedagógica depende da sinceridade e retidão com que o educador revela que ele mesmo se mantém no caminho para criar a união das múltiplas dimensões do humano em si.” Novamente surge a ideia de coerência, que, como vimos, vai além da mera compatibilidade e exige a presença de conexões positivas entre as práticas diárias do docente e os valores fundamentais para a paz, os direitos humanos, a democracia, o desenvolvimento sustentável e os valores que os apoiam, de modo que haja harmonia entre todos esses elementos.

Uma segunda observação é relativa às diretrizes para planos de aula (ver quadro 2). Conforme o documento Unesco-Apnieve (1998, p. 24), esses planos se destinam a “servir de inspiração e estímulo para o desenvolvimento do currículo; [...] os professores devem usar esses recursos como uma base para o desenvolvimento de programas que melhor se adaptem ao seu próprio contexto”. Observa-se uma interdependência entre o sentido dessas orientações e os valores fundamentais para a paz, os direitos humanos, a democracia, o desenvolvimento sustentável e os valores que os apoiam. A orientação é rigorosa na defesa da concepção de educação para a integralidade, mas é flexível, adaptativa, aos diversos contextos dos Estados da Ásia-Pacífico. Um exemplo disso é que o documento *Learning to live together in peace and harmony* traz relatos de cada Estado sobre a prática de valores da educação na formação de professores. Nesse sentido, fica clara a preocupação a curto, médio e longo prazos com a própria coerência da proposta da Unesco-Apnieve (1998). Julga-se que a coerência parece ser um dos esteios da proposta, que, ao tratar de questões envolvendo os diversos Estados-membros, não poderia deixar de contemplar a interligação entre a realidade local e a formação de professores, uma vez que são eles que, como praticantes, vão tornar possível a mudança de concepção de uma educação monodimensional e baseada fortemente na cognição para uma proposta de educação para a integralidade, em cuja base está o pressuposto da multidimensionalidade do fenômeno humano.

Considerações finais

Há inúmeras possibilidades de olhar a educação. O campo educacional, subsidiado pelas chamadas *Ciências da Educação*, possui uma literatura ampla e rica sobre a temática, entre as quais se pode destacar a concepção de educação para a integralidade a partir de uma

visão multidimensional do fenômeno humano, que fundamenta este artigo.

As demandas individuais e sociais estão diuturnamente à espera de que a educação desempenhe de forma mais assertiva o seu relevante papel na vida humana, especialmente ao se considerar que forças sociais mais poderosas têm posto os interesses econômicos na frente dos interesses humanos, o *ter* se sobrepondo ao *ser*, o consumo imediato, à poupança de recursos necessários às próximas gerações. Essa opção imediatista gera tensões e preocupações em toda a sociedade e tem se mostrado incapaz de dar respostas às inquietações do ser humano em relação às suas próprias questões existenciais. Urge, portanto, promover mudança nessa concepção, de maneira que o homem encontre um modo de viver em paz e em harmonia com ele mesmo, com os seus semelhantes e com a natureza.

O documento *Learning to live together in peace and harmony* (Unesco-Apnieve, 1998) foi aqui apresentado como uma alternativa que possibilita à educação desempenhar o papel de estruturadora da convivência harmoniosa entre os seres humanos e a natureza. O documento não é uma panaceia, uma “receita de bolo”; ao contrário, a proposta vai ao encontro das demandas sociais e propõe uma mudança de concepção de educação fortemente ancorada em qualificação profissional para uma concepção de educação que ofereça ao sujeito a possibilidade de integrar as suas dimensões como homem. Há, evidentemente, uma trajetória, um caminho longo, sem dúvida, mas que a sociedade deverá trilhar e enfrentar. Esse caminho, entretanto, poderá ser ainda mais desafiador à medida que a sociedade procrastine a sua decisão de se voltar para uma concepção de educação que permita ao educando integrar as suas múltiplas dimensões.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: M. Fontes, 2007
- MASLOW, Abraham H. *Motivation and personality*. 3. ed. New York: Harper & Row, 1970.
- POLICARPO JÚNIOR, José. *Sobre as distinções entre educação, formação humana e espiritualidade*. 2011. Disponível em: <<http://www.formacaohumana.org/id35.html>>. Acesso em: 17 set. 2013.
- _____. Sobre espiritualidade e educação. In: RÖHR, Ferdinand (Org.). *Diálogos em educação e espiritualidade*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.
- POLICARPO JÚNIOR, José; RODRIGUES, Maria Lucicleide Falcão de Melo. Princípios orientadores da formação humana: dimensão normativa da educação. *Paideia*, v. 20, n. 45, p. 95-103, jan./abr. 2010.
- ROGERS, Carl. *Tornar-se pessoa*. 5. ed. São Paulo: M. Fontes, 2001.
- RÖHR, Ferdinand. *Educação e espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- _____. Espiritualidade e formação humana. *Poiésis*, número especial: Biopolítica, Educação e Filosofia, p. 53-68, 2011.
- _____. Espiritualidade e educação. In: RÖHR, Ferdinand (Org.). *Diálogos em educação e espiritualidade*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.
- _____. Liberdade e destino: reflexões sobre a meta da educação. *Ágere*, p. 1-18, 2004.
- RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. *Educação & Sociedade*, ano XXII, n. 76, p. 232-257, out. 2001.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação. *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 3, p. 619-634, set./dez. 2006.
- SMITH, H. *As religiões do mundo*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.
- UNESCO Principal Regional Office for Asia and the Pacific. Learning to live together in peace and harmony; values education for peace, human rights, democracy and sustainable development for the Asia-Pacific region: a Unesco-Apnieve sourcebook for teacher education and tertiary level education. Bangkok: Unesco Proap, 1998.

Submetido em 22 de fevereiro de 2014.

Aprovado em 22 de março de 2015.